

AS AMENDOEIRAS EM FLOR NO ALGARVE E O CARNAVAL DE LOULE, NÃO TÊM PARALELO. SÃO SINONIMOS DE BELEZA, ARTE E BOM GOSTO.

ANO VII — N.º 173

JANEIRO

18

1959

A Voz de Loulé

QUINZENARIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULE



IMPRENSA REGIONAL

Por iniciativa do Senhor Secretário Nacional da Informação, Dr. Cesar Moreira Baptista, vão reunir-se em Lisboa, nos próximos dias 26, 27 e 28, os directores dos jornais de província da parte sul do País.

Dias depois reunirão os representantes dos periódicos do norte.

Do alto alcance e do mérito desta iniciativa falarão já, com palavras de justiça para com os órgãos da Imprensa Regional, alguns dos grandes quotidianos de Lisboa, dentro os quais destacamos o «Diário Ilustrado» e «Diário da Manhã» a quem agradecemos a parte que nos possa tocar nas referências ao que constitui a desinteressada «pequena imprensa».

Regeitando como sempre até aqui fizemos — e querendo Deus continuaremos a fazer — qualquer subsídio ou ajuda pecuniária de quem quer que seja, pode a meritória, ainda que humilde,

(Continuação na 3.ª página)

UMA ESCOLA AGRÍCOLA NO ALGARVE

A imprensa na sua nobre missão não foi talhada para servir paixões ou caprichos de um fofo orgulho, por isso vimos mais uma vez às colunas da «A Voz de Loulé», que sempre nos tem distinguido, e sempre fiel ao seu programa, várias vezes tem erguido a sua voz para adovar os interesses da terra onde se publica. Neste campo combateremos pela causa Loulé: a instalação da Escola Agrícola, a criar no Algarve.

Consolamo-nos saber que os nossos modestos artigos sobre esta pretensão têm despertado algum interesse aos louletanos, e que os têm encorajado para continuarmos nesta campanha. Prometemos ir até onde as nossas forças o permitam, como nos dicta a consciência e a lógica dos factos.

Várias vezes temos dito, que nunca deixaremos de manifestar aquilo que sentimos, encarando de frente todas aquelas que nos criticam, aquelas mesmo que nada fazem pela terra.

Embora, até hoje, se não tenha gasto senão palavras mais que seria para desejar, e atendendo a quanto devemos respeitar o espaço que o jornal dispõe, apesar disso sempre nos tem franqueado



Com fins de beneficência
As festas do Carnaval,
Dão a Loulé excelência
E receita ao Hospital!

O Carnaval de LOULÉ

LOULÉ vive já aquele ambiente de actividade febril que precede os dias de Carnaval. Por todos os lados se trabalha na confecção dos diversos carros que hão de constituir o corso de 1959 e que hão de juntar mais uma coroa de glória à fama e triunfo destas afamadas festividades.

Numerosos e artísticos cartazes vão ser afixados por todo o País a chamar a Loulé milhares e milhares de forasteiros que poderão admirar nesta vila o mais alegre e distinto Carnaval, na plena e deslumbrante magnitude da floração da amendoeira.

Mons. Freitas Barros

Por decisão de sua irmã, serão trasladados para o cemitério desta vila, no próximo dia 27, os restos mortais deste virtuosíssimo sacerdote e um dos mais ilustres e ilustrados filhos de Loulé.

De manhã, pelas 9 horas, será celebrada missa no Cemitério dos Prazeres em Lisboa, após o que o fúero partirá em auto fúnebre para esta vila, em cuja igreja Matriz ficará depositado o corpo nessa noite.

Pelas 9 horas do dia 28 será rezada missa de corpo presente, seguindo-se o funeral para jazigo da família.

As amendoeiras em flor e o Carnaval de Loulé são dois espectáculos únicos em Portugal.

BAIRRO para os pescadores DE MONTE GORDO

O sr. Ministro das Obras Públicas concedeu, pela verba do Fundo do Desemprego, à Junta Central das Casas dos Pescadores, uma participação da importância de 40.000\$00, para a construção de um bairro para pescadores na Praia de Monte Gordo.

Esperamos que a nossa praia de Querença também seja dotada num futuro próximo com semelhante melhoramento.

ALGARVE

TERRA DE TURISMO que o sol afaga durante todo o ano! O melhor clima de PORTUGAL!

NO VERÃO: a beleza das suas Praias

NO INVERNO: o Carnaval de Loulé



APRECIE



Dr. Alberto Iria

Em sessão da Academia Portuguesa de História, o nosso velho amigo e ilustre investigador, Dr. Joaquim Alberto Iria Júnior, que é proficiente director do Arquivo Histórico Ultramarino, apresentou uma importante comunicação sobre «As duas únicas cartas do Infante D. Henrique, que se conhecem datadas da sua vila de Sagres», demonstrando, com o seu profundo e honesto trabalho, que o Infante esteve de facto em Sagres e que a vila de Sagres vila do Infante e vila do Infante de Sagres são uma e a mesma coisa e, precisamente, a Sagres dos nossos dias.

O eruditíssimo trabalho do nosso ilustre compatriota mereceu as melhores apreciações por parte do Presidente da dota Academia, de que é sócio correspondente, Prof. Doutor Caeiro da Matta e do seu confrade, o incansável investigador P.º Brálio.

Cremos que o estudo do Dr. Alberto Iria virá pôr termo a uma velha questão sobre Sagres e o Infante e por ele felicitamos o nosso querido amigo.

PESCA

No primeiro semestre de 1958 pescaram-se no Continente 82.443 toneladas de peixe, no valor de 327.279 contos. A zona Sul contribuiu para estes totais com 9.038 toneladas, no montante de 40.684 contos.

Uma brincadeira de muitos em benefício de alguns.

«53 anos de tradição ao serviço do Bem!»

MAIS UM ANO...

Mais um ano os nossos festejos carnavalescos vão afirmar-se como uma realização grandiosa que não desmentirá o que se tem feito nos anos anteriores. Apesar de variadíssimos contratempos nos quais avultam a escassos do tempo por um lado e, a acentuada crise económica que a população do concelho atravessa, por outro, devida, sobretudo, à sua feição essencialmente agrícola, as dificuldades têm surgido. No entanto, os esforços tem-se redobrado e de justiça é, salientar já, a actividade desenvolvida pelo Vice-provedor da Santa Ca-

sa da Misericórdia, tomando, como no ano anterior o facho dianteiro de todas as actividades, tem chamado a si todas as dificuldades que sempre surgem em organizações desta natureza, resolvendo-as e dando-lhes combate, num esforço e com uma fé, digna da admiração e do reconhecimento de todos os louletanos que como tal prezam a sua Terra e, na sua dimensão humana, têm, com carinho, os seus olhos postos no Hospital.

Que o seu exemplo leve — e ainda é tempo — a uma re-

(Continuação na 4.ª página)



Tê o foguetão lunar
Deixando a rota seguida,
Par' ao Carnaval brincar
Parou na nossa Avenida!!!

ATRASO involuntário

Por motivos contrários à nossa vontade, a que não foi alheia a circunstâncias de ser inadiável o confecção do programa dos nossos festejos carnavalescos, saí o presente número com alguns dias de atraso, do que pedimos muita desculpa aos nossos estimados assinantes.

CURRENTES CALAMOS

Dois bons amigos

O MARCO DO CORREIO e o CARTEIRO são dois dos nossos bons amigos. São eles os pontos terminais de uma vasta meada, a que podemos assinalar todo o complexo serviço destinado à satisfação da necessidade de correspondência escrita.

A firmeza e inflexibilidade do primeiro assemelham-se à bondade de alma do segundo, que, insensível às más condições do tempo e às dificuldades de uma vida paradoxalmente modesta, carreia diariamente bens materiais e valores de toda a ordem... para a Felicidade dos outros. O Carteiro é a figura familiar e simpaticíssima, que quotidianamente transmite as nossas conversas, sem nos ouvir, e acaba por nos localizar — muitas vezes sem nos conhecer.

Ainda não há muito um simples bilhete postal, a que apus

um endereço à toa, me trouxe, «na volta do correio», o ignorante paradeiro de um amigo, residente em rua diferente. Caso passado em Coimbra; sendo que idênticos se citam com frequência por esse país fora.

Por eles todos, e em sentido de alguma homenagem, se redigem estas linhas.

A caminhada do esforço humano para obviar à necessidade de comunicações tem sido longa, mas a história dos correios nunca deixou de ser a do seu progressivo desenvolvimento e aperfeiçoamento.

Instituições apropriadas, coherentes nas já os Romanos. Foi o Imperador Augusto o primeiro organizador de um serviço regular de comunicações portáis. Cavalos e cavaleiros eram muda-

(Continuação na 2.ª página)

O Carnaval de Loulé

é uma gargalhada sã, vibrante, sonora, moça

(Continuação na 2.ª página)

«Loulé... em retrato»

Já se sente no ar, o cheiro a Carnaval.

Por todos os lados, notamos que a febre dos carros, o entusiasmo pelas indumentárias especiais e características da época, a vontade de fazer flores, começou a manifestar-se.

Esta boa gente de Loulé, é única neste pormenor, de união e esforço em prol das suas Batalhas de Flores. Eles sabem que há Carnaval no Estoril, em várias outras partes e até em Messines, mas esse Carnaval, não conta a manifestar-se.

O que marca e vale, é o de Loulé. Gente destemida que põe no amor à terra, à esperança de um sucesso, o motivo de um empreendimento, que lhe granjeou nomeada, o desejo de aumentar o nome e a tradição das suas festas.

Temos notado nos louletanos, um certo enfraquecimento no seu dinamismo, na sua faculdade e virtualidade de criar iniciativas, de lançar ideias, mas temos de nos convencer que, no tocante a Carnaval e às Batalhas de Flores, essas qualidades congénitas do louletano, não se apagam, nem se desenraizam.

Outro dia, surpreendemos, junto de uma janela, onde estávamos trabalhando, um diálogo entre dois apaixonados jovens, que me comoveu imenso. Quando chegamos a determinada estação da vida, que julgamos mais próximo do fim do percurso do que da estação do início, sabe bem recordar as paisagens admiradas durante aquele.

Por outras palavras: Quando se sente já, a sensação de estamos a entrar na fase da vida, que representa o declínio, sabe bem recordar enlevo, ilusões, horas passadas, que constituíram marcos de recordação sentimental, passagens felizes que ficaram vincadas para sempre.

Mas, fomos a esquecer nesta digressão espiritual, o que dizia o jovem casal apaixonado, que, na sua expansibilidade descuida-

da, própria de gente nova, falava junto da janela onde trabalhávamos.

Punhamos em discurso directo as frases ouvidas, para melhor apreciação de contornos das qualidades humanas.

Ele — Aquele beijo que te dei, marca para mim, um momento que nunca mais esquecerei na vida.

Ela — Ora, tens dado tantos!

Ele — Mas aquele, o primeiro, naquele lugar, naquele banco da Avenida, quando tudo eram flores à nossa volta, lembraste?

Ela — Não sei se foi por medo, se por nervoso, se por não estar bem preparada, não apreciei bem esse primeiro beijo.

Ele — Então não há neste nosso amor, qualquer outro facto, que te tivesse deixado recordação profunda?

Ela — Gostei mais do segundo beijo. Nesse foste mais violento, foi mais à Marlon Brando, impressionou-me mais!

Ele — Tu gostas mais de beijos à Marlon Brando, mas não és capaz de dar um beijo como a Marilyn. Es sempre muito seca... muito esquiva... pouco meiga!

Não conseguimos ouvir mais, de tão deliciosa conversa.

Ficou-nos a impressão dolorosa de que o amor entre os jovens de hoje, não é tão espontâneo, tão natural, tão original como era nos nossos tempos, em que não havia modelo de beijo, em que esse acto não tinha tipo, nem característica definida, seria menos macaqueado e, talvez por isso, mais sincero, mais puro e mais expressivo.

Estamos convencidos, no entanto, que se fossemos discutir o assunto com o jovem casal obtériamos, como contestação, uma pedrada deste género: — Vocês, nesse tempo, não sabiam beijar!!!

Deixemos em paz, o amoroso por surpreendido, em colóquio, deixemos nos espíritos de tantos jovens — que fazem da nossa Avenida campo de devaneios sentimentais e que, ao lerem este episódio, se perguntarão: Aquilo, será conosco? — uma dúvida, ou uma suspeita de terem sido surpreendidos, e falemos de outros assuntos.

Agora, que se aproxima a época do Carnaval, que Loulé veste as suas galas para receber os forasteiros, não seria altura, de modificar o miserável sistema de iluminação desta arteria, cujas colunas são mais velhas que a maioria dos vereadores da Câmara?

Não seria agora a melhor oportunidade de proceder a esse melhoramento?

Ou então, pedir à Comissão das Festas que, a exemplo, do que já se pensou em anos anteriores, ilumine com profusão o recinto onde se realizam as festas.

Nós sabemos que, nessas noites, pouca gente fica na rua, pois tudo se concentra nos bailes, nas sociedades e no Cinema.

Mas dava outro ar de festa, de alegria e entusiasmo. Muitas pessoas vêm a Loulé nessas noites e perguntam-se: — Mas esta é que é a terra das festas?

E se houvesse iluminação perfeita, esfusante, digna de gênero arraial, até se compenetrariam mais do que de facto, Loulé estaria a marcar com as suas festas!

Repórter X

SALIR

Vende-se um prédio de 1.º andar na Rua da Carreira, em Salir, com quintal e árvores de fruto.

Uma propriedade em Benafim Pequeno, com oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras e figueiras.

Tratar com Sebastião Marques — Loulé.

Escola Agrícola

Continuação da 1.ª página

Isto não nos parece ocioso insistirmos no assunto da epígrafe.

Embora a nossa voz, cá tão longe da terra natal, seja débil, mas a nossa pena, seja o que for, aconteça o que acontecer, terá sempre a coragem de se manifestar, sendo também uma lâmina afiada, a combater todos aqueles que se desinteressejam das pretensões justas para a terra, e todos aqueles que se esquecerem que tiveram aqui o seu berço.

Combatemos sempre pela causa de Loulé, sem agredir qualquer classe ou pessoa, por lisonjear outras porque todas para nós são iguais, e nunca tivemos em vista, nem temos tocar nem de leve a reputação privada de cada um, e nunca chocar o medo por qualquer expressão.

Sem pretenção a dirigente, deixamos para os leitores apreciarem, o que nos oferece dizer sobre tão justa pretensão de ser aqui, nesta bela terra, instalada a Escola Agrícola, apesar de algumas terras do Algarve reclamarem para elas essa primazia, dizendo que Loulé já tem várias coisas, que quer tudo, respondendo nós que esta terra deseja apenas o que lhe pertence por direito.

Ora, sendo a agricultura a principal actividade deste povo e a maior fonte de riqueza deste enorme Concelho, torna-se indispensável um estabelecimento de ensino agrícola aqui, com que muito beneficiaria a economia de todo o Concelho, e até mesmo uma grande parte do Algarve.

Cabe a vez à Câmara Municipal, que tem à sua frente um dinâmico cidadão, e um dos principais agricultores do Concelho, aos Organismos Corporativos, ao Grémio da Lavoura, a todas as forças vivas fazerem sentir ao Governo da Nação a justica que é devida a este grande centro agrícola.

Mais uma vez afirmamos bem alto para que todos no ouçam e hoje repetimo-lo, que um povo que não tem energia, nem tem iniciativas e que não se preocupa com o seu desenvolvimento, é um povo indolente, mas o povo louletano não dorme e nunca deixou para amanhã o que há de fazer hoje. E, como toda a gente sabe um povo activo, de ação e respeitador do princípio da autoridade, base e fundamento da sua grande actividade. E um povo que sabe o que quer e para onde vai.

Temos tido pela terra natal uma grande dedicação. Os nossos mais ardentes desejos são o seu engrandecimento e a esse fim temos feito tudo quanto nos tem permitido o nosso poder intelectual que é pouco, mas, apesar disso continuaremos a pedir que se faça justiça a Loulé — a instalação, aqui, nesta terra, da Escola Agrícola, a criar no Algarve.

Assim esperamos.

Continuaremos no próximo número.

Augusto César Bolotinha

UM ARMAZEM, com chave na mão, na Rua Miguel Bombarda, e UM PRÉDIO na Avenida Marcal Pacheco. Tratar com Emilia Campina Leal — Avenida Costa Mehalha LOULÉ

VENDE-SE

Boletim da Assistência Social

Do Subsecretariado de Estado da Assistência Social, recebemos Boletim relativo ao 1.º Semestre de 1958.

Publica este elucidativo Boletim alguns magníficos artigos sobre a meritória obra da Fundação das Misericórdias em comemoração do V Centenário do nascimento da Rainha D. Leonor, diversos estudos sobre Assistência Térmal, Educação, Assistência e factor e Assistência, Previdência e Segurança Social.

Seguem-se relatórios documentados com larga publicação de gráficos, uma Secção de Legislação e Doutrina e a lista dos subsídios ordinários de participação e de cooperação para 1958.

Verificamos que os segundos atingiram o total de 36.000 contos pela Direcção Geral de Assistência e de 7.400 contos pelo Fundo do Socorro Social e que os primeiros totalizaram 21.785 contos.

Ao todo 65.000, dos quais vieram para Loulé:

Comissão Municipal de Assistência, 18 contos; Santa Casa da Misericórdia, 94 contos; Casa da Primeira Infância, 26 ou sejam 138 contos.

O que é realmente muito pouco se atentarmos que o Concelho de Loulé representa um quinto da população do Algarve.

No Mundo das Coisas Belas

Continuação da 1.ª página

Limpá-las das folhas secas, da poeira, das pragas, pô-las ao Sol nos dias frios, ao relento nas noites quentes, agrada, não custa, é ocupação gentil de espíritos gentis.

São amigas que não intrigam, que não malsinam, que não perturbam a nossa paz, muito pelo contrário, dulcificam-nos a vida com a sedução das suas belezas.

No seu convívio esquecem-se arranhões e picaduras causadas pelas outras, por aquelas amigas íntimas que supõem que ser íntimas é poderem ferir intimamente.

Distraem com encanto, são belas, boas, discretas, o que não acontece com as outras, que falam de mais, intrigam, malsinam e incomodam tantas vezes, tantas...

As outras, causam arranhões extensos e sangrentos, feridas dolorosas e profundas, chagas, com envenenados espinhos da sua envenenada, perversa maledicência.

Até um doente pode encontrar e encontrar nesse cuidar de flores um absorvente lenitivo, docura de horas. No próprio leito pode proporcionar-se tão delicado gozo.

E delicioso suavizante de crueis amarguras.

Enquanto está, desveladamente, a cuidar das suas flores e levadamente a admirá-las, a mirá-las e a remirá-las, esquece seu mal, a doença quase desaparece, deixa de ser triste realidade, atenua, esvae-se, some-se na maciez da brisa, no dorado do Sol, no azul do Céu.

De «Linhas de Elvas»

João Leitão da Silva

Uma excursão à Serra do Algarve

Pelo DR. MANUEL VIEGAS GUERREIRO

II

(CONTINUAÇÃO)

Andados uns quilómetros, atingimos o Monte da Cabaça. Aqui, monte não tem o sentido que lhe dão os alentejanos. É um sítio de alguns moradores, poucos, em regra. O da Cabaça tem uns 10. O casario agarra-se ao espinho de uma colina e perto, como é habitual, a fonte de água férrea. O que vai escrever-se a cerca das casas vale para as de todos os lugares. Seu carácter é primitivo. Formam-nas lajes de xisto liadas a barro e assentes na rocha viva. A fachada é rectangular. Abrem-se nela duas portas; uma, da casa de habitação, como postigo, de cujos lados saí um poal de pouca altura, onde se aliviam de cargas, o corpo repousa e se goza, ao ar livre, da frescura do morrer dos dias caniculares; outra, a da cavalariça. Telhado de uma só água, de telha mourisca. Dentro, 3 ou 4 divisões, além da loja do gado: casa des estar, à entrada; um quarto, à direita, às vezes com minúscula janela; a casa de fogo, à esquerda, sem chaminé ou com simulacro dela e celeiro, para trás. O chão é de terra batida, lajeado ou de ladrilho. O compartimento de estar é o de arquitectura mais variada. Na frente de quem entra, a meio da parede, abre-se o nicho do Pai-do-Céu, hoje, vazio. O crucifixo, ou o tempo o destruiu ou o está destruído, e poucos vestígios se encontram dos seus milagrosos companheiros — o menino Jesus, e Santo António. A altura deste pequeno oratório para um lado ou para outro corre o friso, também desnudado, que servia de acomodar a loiça vistosa. O prato do peixe verde, o do galho de crista vermelha e do cavaleiro miraculosamente suspenso sobre os abismos, que me regalavam os olhos de mogo, já se não vêm expostos.

Na parede da fachada e na parte de dentro cava-se o poal dos cãntaros.

As divisões, por dentro, são, no geral, caladas.

Com as paredes por rebocar e o seu tom castanho escuro a casa serrana integra-se perfeitamente no todo a que pertence. E nem lhe fica mal o ar rude e tosco da sua fisionomia exterior. Bela de seu natural, comece, porém, a sofrer uma influência de mau gosto. O homem da montanha, para tomar títulos de civilizado, comece a cair de branco, à semelhança do barrocal, as rugosidades da sua habitação. É um exotismo condensável, imitação servil, impudica e desconforme, que despersonaliza e ofende a paisagem. A mais ou menos cal vai sendo até índice de riqueza. Da lambugadela em torno da ombreira às paredes todas brancas se gradua teres e haveres.

Os arruamentos são muito ou pouco tortuosos conforme o relevo do chão em que se implantam. Taliscas esqueléticas de xisto irregularmente distribuídas, brotando do solo como lâminas de navalhas, em fieiras de diferentes níveis, formam o pavimento das ruas, cuja largura não raro é medida por homem de braços abertos.

Pode o agrado familiar dispor ainda de forno, pincel, curral e palheiro. O forno liga-se à casa ou constrói-se perto dela. Acontece servir mais deu ma família, mas a posse é de uma só. A sua traça é relativamente complexa, reveladora de longa soma de reflexões. Entra-se para um vestíbulo rectangular com os bancos de pedra para tabuleiros, de um lado, e uns paus de suporte de utensílios empregados na fabricação do pão, do outro. Este compartimento abre em arco para o forno propriamente dito e está separado por um estreito saguão através do qual o forno respira.

O pincel é circular, alto, de pedra e barro e fechado por tecto cónico de palha de centeio. Dá-se-lhe aqui o nome de palheiro de veio.

Há quem considere estas casas cilíndricas como um traço arcaico da vida material destas gentes, um sobrevivência das milenárias habitações castrejas. Observei que este tipo de palheiros ainda hoje se constrói. «gosto de conservantismo do passado», como alguém se escreveu, ou sobretudo escolha de uma forma de construção mais adequada ao fim a que se destina do que a rectangular? O recinto redondo enche-se e esvazia-se melhor; o telhado cónico, de fábrica simples, permite um bom escoamento das águas e enche-se até às traves que lhe servem de suporte. E, segundo averigüei, as palhas ai arrecadadas conservam-se sempre frescas e em boas, o que é atribuído à cobertura de palha de centeio. Nenhuma outra construção, portanto, mais própria para a recolha dos feno. Até dã vontade de pensar que esta dependência, tal como o forno, não foi adaptação da casa a palheiro mas uma criação independente do engenhoso espírito do homem.

(Continua no próximo número)

CURRENTES CALAMOS

DOIS BONS AMIGOS

Continuação da 1.ª página

dos em estações intermédias (mutationes), de modo a permitir-se, entre duas localidades distanciadas, comunicar sem soluções de continuidade.

Já alguns séculos antes de Cristo, porém, os povos conheciam um embrião de comunicações postais, como referem os historiadores da Antiguidade, designadamente Heródoto. Isto se deveu às guerras, e consequente necessidade de contacto dos destacamentos com o Governo central. Os emissários rendiam-se habitualmente após um dia de marcha.

Mas a necessidade de correspondência só veio a colocar-se no plano internacional com o período dos Descobrimentos. Os Estados viram de uma fonte de receita e não se alhearam, por outro lado, da obrigação de assegurar a regularidade e sanidade das comunicações.

Assim, a França no século XV, Portugal e a Inglaterra, no imediato, instituíram serviços postais, oficiais e permanentes. A Inglaterra foi até o país que, no último quartel do século XVIII, organizou com regularidade, pela primeira vez, o serviço de malta-posta, ou seja, o transporte de passageiros e correio, em carreiras.

Hoje, a Administração Geral dos C. T. T. é um serviço autónomo do Estado, com receitas e despesas próprias, inscritas no Mapa n.º 3 do Orçamento Geral do Estado.

Estas foram as considerações suscitadas pelos bons amigos, que são o Marco do Correio e o Carteiro. São queridos e popularizados.

A familiaridade com eles e a confiança que inspiram são inúmeras; tamanhas que, não há muitos anos, chegou a ser recebida na Estação dos C. T. T., em Faro, uma carta (dirigida a certa donzela), junto de cujo endereço se continha este singular pedido:

«Sr. Carteiro é favor ent

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Janeiro:

Em 17, os srs. José Manuel Ferreira e Manuel Sérgio Viegas Gago e a menina Maria Sofia Facheiro Magalhães Pinheiro, residente em Faro.

Em 18, a sr. D. Maria Serafim Campina, residente na Venezuela e a menina Maria Gabriela Avila Costa.

Em 19, o sr. Francisco de Souza Lopes, a sr. D. Maria Luisa Dias e o menino Victor Manuel da Costa Carrilho, residente em Faro.

Em 20, a menina Maria do Rosário Gonzales Rocheta.

Em 21, a menina Maria Inês Teixeira Farrajota Cavaco.

Em 25, a sr. D. Maria de Lourdes Duarte Barros.

Em 26, a menina Valentina Domingos Garcia.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Regressou há dias de Lisboa, onde permaneceu algumas semanas de visita a sua família, a nossa estimada conterrânea sr. D. Francisca Dias da Piedade Formosinho.

— De visita a sua filha e genro, sr. Eng.º Analide da Silva Guerreiro, deslocaram-se ao Funchal, o nosso prezado amigo e assinante sr. António Luís dos Ramos e esposa sr. D. Maria das Dores Laginha dos Ramos, que assistiram naquela cidade aos festejos da Passagem do Ano.

— Por via aérea seguiu há dias para a Austrália a sr. D. Ana Maria da Costa Pereira Amaro, que aí fixar residência com seu marido sr. Manuel Amaro, nosso prezado assinante naquele país.

CASAMENTO ELEGANTE

No pretérito dia 4 do corrente, teve lugar na Igreja Paroquial de S. Lourenço (Almancil) o enlace matrimonial do nosso prezado amigo e assinante sr. José Gomes Romeira Morgado, estimado empregado na Agência de Loulé do Banco do Algarve, filho do conceituado comerciante em Olhão, sr. José Gomes Morgado, e de sua esposa sr. D. Maria de Lourdes Romeira Morgado, com a sr. D. Maria Olávia Cristóvão Ricardo, prendada filha da sr. D. Maria da Glória Cristóvão Ricardo e do sr. Francisco Ricardo Barba (falecido).

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, sua mãe e o sr. José Guerreiro Farrajota Cavaco e por parte da noiva, sua irmã sr. D. Maria Tereza Cristóvão Ricardo e seu cunhado sr. António Inês Fangueiro.

Foi celebrante o Rev. Padre António Lopes da Cruz, Prior da Freguesia de Quarteira.

Após a cerimónia foi servido, em casa dos pais do noivo, em Olhão, um finíssimo e abundante «copo de água» aos numerosos convidados e que serviu de pretexto para entusiasticos brindes pelas felicidades do jovem casal.

Na igreja dos Anjos, em Lisboa, consorciaram há dias a nossa conterrânea sr. D. Ana Maria de Sousa Correia, com o nosso prezado amigo sr. Eurico Valente Couceiro, Electricista-Chefe da Subestação da C. E. A. L.

Serviram de testemunhas o sr. Dr. António Gonçalves Valente e as sr. D. Maria Madalena Simões Valente Cruz e D. Júlia de Sousa Correia.

Após a cerimónia, os noivos e convidados reuniram-se no Salão de Chá Minerva, onde foi servido um «copo de água».

Aos novos casais, deseja «A Voz de Loulé», as maiores venturas.

NOMEAÇÃO

Foi nomeado Comandante da Secção da G. N. R. de Silves o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Tenente João Manuel Domingues Garcia, pelo que lhe endereçamos os nossos parabéns e formulamos votos de feliz desempenho das suas novas funções.

PROMOÇÃO

Foi recentemente promovido ao posto de Alferes e colocado no Grupo de Artilharia Contra Aeronaves n.º 2 em Torres Novas, o nosso conterrâneo, prezado amigo e assinante sr. António Martins Inácio, que prestava serviço na E. C. de Sargentos, em Agueda.

Os nossos parabéns.

NASCIMENTOS

No Hospital desta vila, teve o seu bom sucesso, no passado dia 26 de Dezembro, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr. D. Maria Dulce Martins Cristóvão Filho, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. José Manuel de Oliveira Filho, aspirante de Finanças neste concelho.

A recém-nascida receberá na sua baptême o nome de Maria José.

Aos felizes pais e avós, endereçamos os nossos parabéns e formulamos votos de longa e próspera existência para a sua descendente.

O Rancho Folclórico de Alto animarão Carnaval de Loulé com os seus típicos bailados regionais



MAIS UM ANO...

(Continuação da 1.ª página)

visão de atitudes de alguns louletanos que sempre em anos anteriores e em ocasiões como esta nunca voltaram as costas às responsabilidades morais que a todos nos cabem, pois que se trata de mostrar aos de fora que continuamos a ser senhores dum prestígio — o da nossa festa — e ao mesmo tempo, sabemos dar alívio aos que sofrem, com inteligência, lançando nos cofres do nosso primeiro estabelecimento assistencial para cima duma centena de contos.

A grandeza deste quantitativo e o fim a que ele se destina, dizem por si da grandeza do empreendimento, se outras razões não existissem; e, nós, louletanos, bairristas como somos — pelo menos a fama disso nos apoda —, sabemos todos que, todos não somos muitos para levar a efeito tanto.

Apezar de tudo, a luta prossegue sem tréguas e a Comissão Organizadora conta já com algumas dezenas de carros, aguardando-se hora a hora a confirmação definitiva da promessa de outros. É possível que este ano

MISSÃO DE ESTUDO

A convite do Instituto para a Alta Cultura e a fim de frequentarem um curso de Aperfeiçoamento e Especialização de Inglês, realizado sob o patrocínio do Instituto Britânico e regido pelo Prof. P. Gurrey, estiveram em Lisboa, de 8 a 14 do corrente, os srs. Drs. José Jerónimo Guerreiro, nosso prezado amigo e assinante, e Angelo Rodrigues de Passos, professores da mesma cadeira na Escola Industrial e Comercial de Faro.

Decorreu este curso num ambiente do mais perfeito sentido prático, sendo por isso muito de louvar a iniciativa daqueles Institutos.

Os familiares dos doentes devem vacinarse, sem receio, como excelente medida de precaução contra as febres tifoide e paratifioides.

Em caso de epidemia, em localidades onde a febre tifoide ou paratifioide são frequentes, a vacinação deve ser de regra.

Calendários

A importante companhia de aviação TAP teve a gentileza de nos oferecer um primoroso calendário de parede, para 1959. Ilustram-no interessantes fotografias de alguns pontos do País e vários costumes portugueses, magnificamente impressos a cores.

Com igual oferta nos brindaram também as conceituadas firmas Philips Portuguesa e Amniaco Português.

A todas, os nossos agradecimentos.

FALECIMENTOS

Com 80 anos de idade, faleceu no dia 31 de Dezembro, no sítio da Renda, o sr. José Mendes Tereza, casado com a sr. D. Maria da Piedade Floro, pai do sr. Mário Floro Mendes Tereza e irmão do sr. Simão Mendes Tereza e da sr. D. Maria do Rosário.

Com a idade de 48 anos, faleceu no passado dia 7 do corrente em casa da sua residência nesta vila, o nosso prezado assinante sr. Joaquim Guerreiro Baptista, considerado industrial de artigos regionais de palha e palma, que deixou viu a sr. D. Gracinda da Silva André e era pai do menino Joaquim Manuel da Luz Baptista.

As famílias enlutadas, apresentamos cumprimentos de sentidos pesames.

tenhamos a animar o nosso Carnaval os nossos hermanos e as nossas hermanas, tendo em vista as facilidades de entrada dos nossos vizinhos espanhóis, já anunciamos nos jornais diários pelas autoridades competentes, com vista a quadra do Carnaval e bem assim a intensa propaganda que a Comissão Organizadora dos festejos, aproveitando inteligentemente a circunstância tenciona levar a efeito em toda a Andaluzia.

Consta também que o programa anunciará a realização duma exposição de Aves Canoras e Ornamentais nos Salões do Cine-Teatro, o que certamente constituirá para muitos uma derivante para alguns momentos de cansaço e para todos mais um espetáculo de vida e cor.

Salvador Daqui

FATINHOS para MENINOS

VEJA O SORTIDO DA



Praça da República, 94

LOULÉ

Venha! Venha! até Loulé!

(e verá que bom que é...)

— Beleza, amor, elegância, flores, riso, banzê...

— Há de tudo em abundância no Carnaval de Loulé!

— É permanente o folguedo, reina continua a folia...

— Foge a tristeza com medo, cede o trono à alegria!

— De toda a parte vem gente (e que gente que cá vem...)

— É gente que fica contente de, brincando, fazer BEM!

— Por isso não leve a mal, o conselho cá do Zé:

— GOZE BEM O CARNAVAL!

— VENHA PASSA-LO A LOU-

LE!

... Mas se é «assim»

(que horro)

... NAO VENHA CA POR FAVOR

— Se já lhe peza a velhice, ou está prezo a uma cama...

— Se é Doutor em Azeitice, ou então... indé de mama...

— Se a brincar acha peta, ou faz luso em ser trombudo...

— Se é «fónica»... ou não tem cheta...

— Se já viu Braga... por um canudo...

— Se a Beleza lhe faz mal, ou no BEM — fé já não tem...

— Se tem zanga ao Hospital, ou à gente que cá vem...

— Se assim for (oh! que horro!...)

— NAO VENHA!! — pede-lhe o Zé...

— NAO VENHA — NAO POR FAVOR

AO CARNAVAL DE LOULÉ!...

Zé Carola

Carimbos?

Confie as suas encomendas à Gráfica Louletana.

Perfeição, Economia, longa duração.

O Nosso Cinema

Para nós, que já estamos habituados ao ensurdecedor ruído da plateia do nosso Cinema, que, ao invés do que se verifica em outras terras, tem piorado em vez de melhorado, não nos admira o que ali se passa.

Mas para o visitante que frequenta accidentalmente esta vila e assiste a um espetáculo, a impressão é triste, dolorosa e pejorativa.

Desde o desassossego na procura de lugares, ao comentário irreverente, bregeiro e malcriado, passando pelo velho assobio quadrado, há ali de tudo o que se vê num campo de futebol, onde a natureza do ambiente presuponha a frequência de uma forte maioria masculina.

Impõe-se à P. S. P. uma maior insistência na separação destes abusos fazendo compreender por uma ação educativa e correctiva quando tiver que ser, que uma casa de espetáculos não é uma praça pública, ou um hospital de doidos.

Quem não saiba comportar-se com decência não tem o direito a frequentar lugares onde vão as pessoas decentes da terra.

Que cada um guarde para si e para a sua família — se é a isso que está habituado — o comentário grosseiro com que reage diante de qualquer cena mais violenta ou sugestiva do filme a que está assistindo.

Mas que se poupe ao nosso visitante a impressão dolorosa que se leva da plateia de Loulé, incluindo a que no intervalo nos é mostrada, nos montes de cascadas de ervilhas espalhadas pelo chão e que dão um índice de pouca compostura e respeito pelas regras da higiene, quando não da voracidade que não seria de verificar, em seguida ao jantar.

GRALHAS

Devido a correções mal feitas, entre as várias gralhas saídas no nosso último número «passaram» 3 que, por alterarem o sentido das frases, não podemos deixar de corrigir.

Assim, no artigo «O sr. Costa não é feliz», na 5.ª linha do 5.º parágrafo, saiu: «com a forma de a despedir um», em vez de: «com a jorna a despedir com um».

Na 2.ª coluna da continuação do artigo «Desastre ferroviário», saiu na linha 26, saiu: «as autoridades são leves» em vez de: «as autoridades são leves».

No artigo, Praia de Quarteira (linha 21 da 2.ª coluna da 2.ª página) onde se lê: «de um casino em trânsito» deve ler-se: «de um casino empatar a que esse Praia se ponha em execução?»

Que nos desculpem os nossos colaboradores por lhes termos alterado os seus escritos.

CONSERVAS

Nos primeiros nove meses do ano falso, foram exportadas 43.410 toneladas de conservas de peixe, no valor de 665.277 contos, contribuindo a sardinha para este total com 450.417 contos e as anchovas com 73.091 contos.

Banco Nacional Ultramarino

De harmonia com os regulamentos desta importante organização bancária nacional, enquanto durar a inspecção à Agência desta localidade, que está a ser feita pelo sr. Carlos Emílio Trindade, será a mesma gerida pelo sr. João Carneiro Jacinto, que dirige a florescente Agência de Silves.

Entretanto, assumiu interinamente também a gerência da Agência de Silves, o nosso querido amigo e estimado colaborador sr. Raúl Rafael Pinto, que ali permanecerá durante o tempo em que durar a inspecção a que está procedendo o inspector sr. João Dantas de Matos.

Por este motivo registamos a estadia entre nós daqueles visitantes em Loulé.



Esta fotografia foi gentilmente cedida pela Direcção Geral dos Serviços Agrícolas — Serviços de Informação Agrícola

PODAS DE FIGUEIRAS

Todos os pomares devem beneficiar de uma poda de formação e de frutificação, com vista a regular o porte, consonante as circunstâncias locais, e acolherá que interessa obter.

As figueiras não fazem exceção à regra. A fotografia que se reproduz mostra um técnico do Posto Agrícola de Setavento do Algarve (Tavira) orientando uma poda de uma daquelas árvores, durante um curso de podadores de fruteiras na região de Loulé.

A semelhança deste curso, outros se têm efectuado por todo o País, através dos serviços especializados da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, com o designio de intensificar a preparação profissional, tanto dos proprietários como dos trabalhadores rurais. Actualmente contam-se já alguns milhares de podadores de oliveiras, arrozeiros, condutores mecânicos, capatazes fitossanitários, etc. E os resultados obtidos são, de ano para ano, mais lisonjeiros.